

## A escrita como lugar de resistência no diário de Carolina Maria de Jesus<sup>39</sup>

\*Daniele Ribeiro Fortuna

*A fome também é professora.*  
Carolina Maria de Jesus

### Introdução

“A fome também é professora”, afirmou a escritora Carolina Maria de Jesus, em seu livro *Quarto de despejo*. Com a fome, Carolina aprendeu duras lições. Aprendeu que sobreviver pode ser praticamente impossível quando não se tem nada e que a miséria coloca o ser humano em uma condição na qual tudo se torna menos importante que a própria sobrevivência.

Entretanto, mesmo trabalhando como catadora de lixo, Carolina Maria encontrava tempo para se dedicar à escrita. Ser escritora era um sonho e um mecanismo que lhe permitia resistir. Para realizar esse ideal, ela buscava representar um papel que a diferenciava dos seus vizinhos na favela do Canindé, onde morava.

Para sobreviver, além de representar um papel, a escritora também criou mecanismos que lhe permitiram resistir: sua escrita propriamente dita e seu corpo. Ao longo de vários anos, Carolina Maria escreveu um diário, no qual registrava seu cotidiano, pensamentos, sentimentos, sonhos, revoltas, angústias e o dia-a-dia da favela. Esse diário foi publicado em 1960 sob o título de *Quarto de despejo* e se transformou em um dos maiores sucessos editoriais do Brasil. Vários anos depois, em 1996, outros trechos foram organizados pelos historiadores Robert Levine e José Carlos Sebe Bom Meihy e publicados no livro *Meu estranho diário*.

Mas quem foi Carolina Maria de Jesus? Como uma catadora de lixo conseguiu publicar um livro?

---

39- Este texto foi adaptado de artigo originalmente publicado na Revista Uniabeu, v. 7, n. 15, 2014.

### Quem foi e de onde escrevia Carolina Maria de Jesus

Não se sabe com certeza quando a escritora Carolina Maria de Jesus nasceu. Acredita-se que tenha sido por volta de 1914, em Sacramento, no interior de Minas Gerais. Carolina estudou pouco, apenas o suficiente para se alfabetizar e para fazer dos livros parte fundamental da sua vida.

Aos 16 anos, mudou-se com a mãe para Franca, em São Paulo, dando início a um período de várias outras mudanças, que culminariam com sua ida para a capital do estado. Aos 33 anos e só, Carolina passou a morar na cidade de São Paulo, onde engravidaria de três filhos, cada um de um pai diferente.

Para sobreviver, exerceu várias atividades: faxineira de hotel, auxiliar de enfermagem, vendedora de cerveja, artista de circo e, principalmente, empregada doméstica. A escritora trabalhou em várias casas de família, mas tornar-se mãe solteira inviabilizou a continuidade do serviço e ela se viu obrigada a recorrer a outros expedientes.

Em 1948, Carolina passou a viver na favela do Canindé. Naquele período, as favelas começavam a aparecer e se transformariam em uma dura realidade nas décadas que estavam por vir. As favelas surgiram como consequência de um contexto político e econômico bastante específico. Naquele período, o Brasil atravessava um momento de intensas transformações. Vivia-se a época do governo de Juscelino Kubitschek, cujo *slogan* era “50 anos em 5”. O objetivo era modernizar o país e, para tanto, estimular a industrialização era um movimento decisivo. Nesse sentido, a urbanização também tinha papel fundamental, já que o crescimento industrial implicava o aumento da força de trabalho. Tais trabalhadores viriam do campo – notadamente do Nordeste -, que começava a se esvaziar, acelerando a migração às capitais brasileiras, principalmente, Rio de Janeiro e São Paulo.

Outro fator que influenciou o fluxo migratório foi a seca que arrasou o Nordeste, em 1958. Segundo o historiador José Carlos Sebe Bom Meihy, em depoi-

mento pessoal no livro *Cinderela negra*, “a grande e intensa seca nordestina daquele 58 trouxe à cena nacional um personagem que, se já era conhecido, era um tanto distante da realidade do Sul: o evadido da fome, da miséria e do abandono”. (MEIHY; LEVINE, 1994, p. 220). E eram esses evadidos que, em grande parte, passariam a compor as favelas de São Paulo. Muitos foram trabalhar como operários nas indústrias e na construção civil. No mesmo depoimento, Meihy afirma: “No raiar dos anos 60 o Brasil possuía uma população de cerca de 70 milhões de habitantes, sendo que deste montante os nordestinos perfaziam mais de 30 milhões. Este era um contingente problematizado pela fome e pela miséria (...)” (MEIHY; LEVINE, 1994, p. 223, 224).

Ainda que não tivesse migrado do Nordeste, Carolina Maria de Jesus fazia parte desse contingente de miseráveis. A favela de Canindé localizava-se próximo a um depósito de lixo e foi dali que Carolina passou a retirar o seu sustento e o dos dois outros filhos que teve. Mãe solteira, a escritora tinha que cuidar de João, José Carlos e Vera Eunice – alimentá-los, vesti-los, educá-los, tudo isso em condições absolutamente precárias.

Viver na favela e sobreviver do lixo marcariam profundamente a escritora. Em 1955, Carolina começou seu diário, no qual relatava não apenas os fatos do seu cotidiano, como os sonhos, as dificuldades, a revolta com os políticos, as angústias, a situação em que ela e seus vizinhos de favela viviam. Seus textos são a marca de um tempo de transição de um Brasil agrário – “nos anos 50 a população rural atingia 64% (em relação a 36% da urbana)” – para um país em que predominaria a concentração urbana – “nos 60 baixou para 55% (contra 45%) e nos 70 para 44% (contra 56%)” (MEIHY; LEVINE, 1994, p. 221). Carolina e sua obra são o reflexo da miséria e da exclusão social.

Carolina Maria de Jesus escreveu diversos textos: poesias, romances, provérbios, memórias, mas a publicação do livro *Quarto de despejo*, em 1960, que a tornou internacionalmente conhecida. O que parecia impossível – uma favelada publicar um livro – só aconteceu, porque a escritora recebeu a ajuda de Audálio Dantas. Ao fazer uma matéria na favela do Canindé, o jornalista conheceu Carolina,

que lhe revelou estar escrevendo um livro. Audálio se interessou pelo assunto e, após ter acesso aos textos, resolveu editá-los e procurar publicá-los. Ainda que até hoje haja controvérsia no que diz respeito ao tratamento que Audálio Dantas conferiu aos textos de Carolina, é preciso reconhecer que, sem sua influência, talvez a autora nunca conseguisse atingir o seu maior objetivo, tornar-se uma escritora conhecida.

Para Carolina Maria Jesus, escrever era mais do que encontrar um lugar de “abrigo” ou “fuga”, mas uma forma de resistência e até mesmo a busca de identidade alternativa – a de escritora em detrimento da de favelada e catadora de lixo.

### **A escrita para Carolina ou a arte da representação**

Por meio da escrita, pode-se representar o mundo – o real e o imaginário. Carolina fazia da sua escrita este instrumento de representação da vida cotidiana e do ficcional. Mas seus textos eram também parte de como ela se representava como pessoa no mundo. Escrever a tornava diferente dos outros e sua condição de escritora – mesmo antes de ter seu livro publicado – a tornava uma “estranha” no meio dos favelados.

Segundo Goffman (1992, p. 29), “o termo ‘representação’ refere-se “a toda atividade de um indivíduo que passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência”. Para que a caracterização se dê de forma eficaz, faz-se necessário uma fachada, ou seja, “o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação” (GOFFMAN, 1992, p. 29).

A fachada relaciona-se aos distintivos de função ou categoria da pessoa, como “vestuário, sexo, idade e características raciais, altura e aparência; atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais e coisas semelhantes” (GOFFMAN, 1992, p. 31). Assim, espera-se de pessoas que exercem um determinado papel na sociedade um certo tipo de comportamento. Dos advogados, por exem-

plo, é esperado que usem roupas mais formais e se expressem utilizando um jargão específico.

Goffman (1992, p. 31) divide os estímulos que formam a fachada pessoal em “aparência” e “maneira”. Segundo ele, “aparência” seriam os estímulos que revelariam o status social do ator, que indicariam em que tipo de atividade ele está empenhado. Já “maneira” seria a forma pela qual o ator desempenha o papel de interação em determinadas situações. Se, por exemplo, o ator se apresenta de “maneira arrogante, agressiva”, “pode dar a impressão de que (...) espera ser a pessoa que iniciará a interação verbal e dirigirá o curso dela” (GOFFMAN, 1992, p. 31). Esclarecidas essas diferenças, Goffman (1992, p. 31-32) considera ser necessário uma “compatibilidade confirmadora entre aparência e maneira” e ainda uma “certa coerência entre ambiente, aparência e maneira”.

Assim, uma pessoa cujas maneiras não condizem com a aparência e com o ambiente pode causar uma estranheza, uma impressão de não fazer parte daquele lugar ou daquele grupo social. Também há que se considerar que, muitas vezes, o ator não é bem-sucedido ao tentar passar uma determinada impressão. Goffman (1992, p. 66) aponta ainda para o fato de que “as representações cotidianas estão sujeitas a rupturas”.

Nesse sentido, é possível afirmar que, mais do que exercer a atividade de escritora, Carolina Maria de Jesus procurava representar esse papel que a distinguia dos demais. Carolina falava e agia de maneira diferente – preferia manter-se distante dos vizinhos, repudiava o álcool e a forma permissiva como ela acreditava que as pessoas mostravam o corpo na favela –, mas sua aparência era de uma favelada. Dessa forma, sua fachada destoava do ambiente em que vivia, provocando estranheza e fazendo da escritora uma ‘personagem’ contraditória:

Carolina foi, pode-se dizer, uma guerreira valente contra as tropas da herança racista, anti-interiorana, preconceituosa em relação às mulheres e, sobretudo uma pessoa afrontadora da marginalidade e da negligência política. Rebelava-se sozinha e por isso jamais chegou a ser revolucionária ou heroína permanente. (MEIHY; LEVINE, 1994, p. 19)

Carolina era uma mulher à frente de sua época, que sustentava três filhos sozinha e não tinha intenção nenhuma de se casar – “Orgulhava-se (...) de poder afirmar que nunca havia se casado por não aceitar sequer a dependência econômica de um homem” (MEIHY; LEVINE, 1994, p. 19). Em *Quarto de despejo*, Carolina afirma:

O senhor Manoel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lapis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal. (JESUS, 1997, p. 44)

Entretanto, para uma mulher tão livre, mantinha posições relativamente conservadoras, principalmente no que diz respeito ao corpo: “A pitita estava semi-nua E as partes que a mulher deve ocultar-se estava visível” (JESUS, 1996, p. 75).

Ou ainda:

...E o pior na favela é o que as crianças presenciam. Todas crianças da favela sabem como é o corpo de uma mulher. Porque quando os casais se embriagam brigam, a mulher, para não apanhar sai nua para a rua. Quando começa as brigas os favelados deixam seus afazeres para presenciar os bate-fundos. De modo que quando a mulher sai correndo nua é um verdadeiro espetáculo para o Zé Povinho. Depois começam os comentários entre as crianças.

— A Fernanda saiu nua quando o Armin estava lhe batendo.

— Eu não vi. Ah! Que pena!

— E que jeito é a mulher nua?

E o outro para citar-lhe aproxima-lhe a boca do ouvido. E ecoa-se as gargalhadas estrepitosas. Tudo que é obsceno pornográfico o favelado aprende com rapidez. (JESUS, 1997, p. 40-41)

Dessa forma, é possível perceber que a escritora repudiava as mulheres que mostravam o corpo. Acreditava que tal atitude poderia ser uma influência perniciosa para as crianças, fazendo com que elas tivessem contato com a sexualidade antes do tempo.

Carolina também não gostava de se misturar com os vizinhos – “Quem vive na favela deve procurar isolar-se, viver só”. (JESUS, 1997, p. 43) “Eu gosto de ficar dentro de casa, com as portas fechadas. Não gosto de ficar nas esquinas conversando. Gosto de ficar sozinha e lendo. Ou escrevendo!” (JESUS, 1997, p. 23) – nem que seus filhos o fizessem. Procurava mantê-los isolados, à parte do que acontecia na favela. Separava, inclusive, dinheiro para que eles pudessem frequentar o cinema, o que destoava completamente do dia-a-dia de quem vivia no Canindé. Por procurar manter a si e aos seus filhos longe dos outros, era vista como arrogante e estranha.

Mesmo assim – e talvez por isso –, era respeitada e tinha sua opinião considerada na favela. Entretanto, não era aceita. Os vizinhos se indignavam com o fato de que ela talvez pudesse falar de sua vida e do que acontecia ao seu redor no diário que escrevia. Tanto que, após a publicação de *Quarto de despejo*, quando Carolina conseguiu finalmente sair da favela, quase foi linchada no dia da mudança.

Outra atitude de Carolina Maria de Jesus que a tornava diferente de seus vizinhos era sua relação com o álcool. Não só não bebia, como fazia questão de criticar quem o fizesse e, em seus textos, procurava sempre mostrar o que acreditava serem as consequências nocivas da bebida:

Tem pessoas aqui na favela que diz que eu quero ser muita coisa porque não bebo pinga. Eu sou sozinha. Tenho três filhos. Se eu viciar no álcool os meus filhos não irá respeitar-me. Escrevendo isto estou cometendo uma tolice. Eu não tenho que dar satisfações a ninguém. Para concluir, eu não bebo porque não gosto, e acabou-se. Eu prefiro empregar o meu dinheiro em livros do que no álcool. (JESUS, 1997, p. 65)

Carolina não gostava de ser favelada, criticava o comportamento dos outros favelados e fazia o possível para ser diferente, para se destacar dos demais. Sua filha, Vera Eunice, em depoimento publicado no livro *Cinderela negra*, revela: “Mesmo favelada, Carolina Maria sempre conseguiu ser diferenciada. Motivos não faltavam, pois ela própria tratava de cultivar situações em que valesse a equiparação nenhuma com os pares.” (MEIHY; LEVINE, 1994, p. 143)

Sua escrita propriamente dita também se constituía em espaço de diferenciação. Embora fosse semianalfabeta, a escritora procurava usar palavras rebuscadas, bem diversas das utilizadas no cotidiano da favela: “Ouve um tempo que o povo trabalhava com limites e viviam contente. Hoje trabalha demasiadamente e são infaustos” (JESUS, 1996, p. 36).

Paralelamente às críticas ao comportamento dos vizinhos, Carolina Maria também revelava sua indignação com as condições sociais em que ela e seus companheiros viviam e o descaso dos políticos: “Circula um buato que o Dr. Adhemar esta no Rio de Janeiro. penso: que um politico quando impõe algo que agita o povo, não deve ausentar-se Deve permanecer no lugar e dar uma explicação ao povo esclarecendo a necessidade dos seus atos e a causa do aumento. Quem faz coisa e foge, é malandro” (JESUS, 1996, p. 37). Além disso, nunca deixava de abordar em *Quarto de despejo* e em *Meu estranho diário* a questão da fome.

Toda essa contradição de maneiras e aparência contribuía para formar a fachada de Carolina. Seu maior desejo era ser escritora e fazia o possível para representar esse papel: uma mulher independente que almejava atingir uma posição social melhor e pretendia alcançar esse objetivo através da escrita: “Tenho impressão que sou rã Que queria crescer ate ficar do tamanho da vaca – Eu desejei varios empregos. Não aceitaram-me por causa da minha linguagem poetica. porisso eu não gosto de conversar com ninguém” (JESUS, 1996, p. 38).

Representando esse papel, Carolina não parecia se importar muito com a opinião dos outros. Estava empenhada em tornar o que ainda, de certa forma, era uma ficção – ser escritora – em uma realidade.

### **A escrita de Carolina ou a arte de falar da miséria**

A obra de Carolina até hoje pode ser considerada inovadora, pois é a fala de alguém que vivenciou a pobreza. É um testemunho de um personagem ‘de dentro’ de um cenário miserável, e não de um observador externo, como costuma



acontecer. Segundo Meihy (2006, p. 345), “raramente se encontra algo escrito a partir da vivência da pobreza, daqueles que a vivem e dão razão de ser a um estado de coisas que compromete a eficiência dos sistemas políticos e coloca o poder e a ordem social em cheque”. Para Lajolo (1996, p. 39), as descrições de Carolina Maria são “cenas (...) sempre raras na literatura brasileira”.

Pode-se considerar que a escritora estava entre o que Chauí (1993, p. 140) denomina de os “‘mais pobres’ (isto é, os favelados, com situação empregatícia precária, mal-remunerados e quase sem escolaridade)”. Portanto, Carolina conhecia bem o lugar de onde falava.

Assim, Carolina falava de si e daqueles que a cercavam de forma individual e, portanto, original. Por isso, sua escrita é única – “nos textos de Carolina, tudo é visual e imediato (...) jamais perdem o conteúdo dramático da vida vulgar, cotidiana (...)”. (MEIHY, 2006, p. 347) –, já que provém da força do sentimento próprio de quem é mais do que testemunha, personagem da fome.

O diário de Carolina relata o cotidiano da autora. Os trechos são separados por datas. Os dias começam quase sempre da mesma forma: “1 de novembro de 1958 Dêixei o leito as 5 e 44. E fui carregar água”. (JESUS, 1996, p. 38) Ou: “22 de junho Deixei o leito as 5 horas, preparando s crianças para ir na festa na rua Javaés” (JESUS, 1997, p. 61).

O leitor desavisado talvez espere um relato despretenso do dia-a-dia de alguém que vive uma vida banal, alguém que acorda, se levanta, vai fazer o café, vestir os filhos... Mas logo a escrita de Carolina Maria de Jesus ‘decepciona’ esse leitor e mostra um texto que, como considera Lajolo (1996, p. 39), promete e faculta “o exercício consentido do voyeurismo impune por sobre cenas de pobreza explícita”: “O dia que chove eu sou mendiga. Já ando mesmo trapuda e suja. Já uso o uniforme dos indigentes”. (JESUS, 1997, p. 55)

Essa fala traz ainda uma descrição crua do lugar de onde fala Carolina: “...Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais. Não mais se vê os corvos voando as margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados

substituíram os corvos” (JESUS, 1997, p. 48). Traz, principalmente, o testemunho da fome:

27 DE MAIO...Percebi que no Frigorífico jogam creolina no lixo, para o favelado não catar a carne para comer. Não tomei café, ia andando meio tonta. A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago. (JESUS, 1997, p. 39)

Mas Carolina procurava resistir à fome e a todos os obstáculos que tornavam sua vida difícil. Para tanto, além de representar seu papel de escritora, contava com sua escrita propriamente dita.

### **Resistência ou a escrita de e para Carolina**

Se o Brasil, na época em que Carolina Maria de Jesus escreveu seu diário, vivia uma fase da realização de um projeto construção de um novo país, cabe considerar a afirmação de Bauman (2004, p. 41), segundo a qual “onde há projeto há refugio”. Segundo ele, “nenhuma casa está realmente concluída antes que os detritos indesejados tenham sido varridos do local da construção” (BAUMAN, 2004, p. 41).

E Carolina fazia parte desses detritos humanos. Era o que Bauman (2004, p. 12) considera “refugio humano”, pessoas “deslocadas”, “inadaptadas” ou “indesejáveis”. Sentia-se, como ela própria dizia, um “objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo” (JESUS, 1997, p. 33).

Para Sennett (2008, p. 371), “a economia urbana também favorece o bairrismo. Cadeias de supermercados e grandes lojas de departamento têm conquistado a clientela dos bairros”. E era esse contexto que começava a se desenhar na cidade de São Paulo. De acordo com Meihy e Levine (1994, p. 221), “é do início dos anos 60, por exemplo, a construção do Shopping Center Iguatemi, de São Paulo, e com ele o aparecimento dos primeiros ensaios de supermercados”.

Ainda segundo Sennett (2008, p. 370), “a pureza requer segregação” e o surgimento desse novo tipo de comércio e o desenvolvimento urbano, que, desde o século XIX, passou a privilegiar as tecnologias de locomoção, saúde pública e conforto privado, implicaram o reforço do individualismo e provocaram o que Tocqueville (apud SENNET, 2008, p. 372) chama de “um sentimento de estranheza geral” entre os indivíduos. Com isso, a rua passou a ser um lugar ameaçador.

Por ser catadora de lixo, a escritora passava a maior parte do tempo nas ruas da cidade de São Paulo, procurando por objetos que lhe permitissem ganhar algum dinheiro. Como afirma Chauí, citando Damatta, a rua é perigosa,

pois é neste terreno do anonimato e da cidadania plena e universal – quando não somos ‘ninguém’ – que corremos os maiores riscos de ser maltratados e até mesmo violentados sem complacência. Realmente, a regra de ouro numa sociedade relacional é que quem não tem relações simplesmente não existe como pessoa. (DAMATTA apud CHAUI, 1993, p. 134)

Nesse sentido, Carolina não ‘existia’. Não só porque frequentava as ruas de uma maneira diferente dos demais habitantes da cidade – como uma catadora que remexia as lixeiras, buscando seu ganha-pão –, como também porque buscava se relacionar o mínimo possível com os outros. Entretanto, ela procurava resistir e, à sua maneira, existir. Chauí (1993, p. 137) afirma: “Cremos que é porque o direito aos direitos é recusado pela *rua deles*, isto é, pela sociedade global, que a ‘periferia’ organiza o *pedaço* no qual não prevalecem apenas as relações do ‘mundo da casa’, mas estas se combinam para criar uma *outra rua*<sup>40</sup>. Resistência.”

Dessa forma, Carolina fazia da sua escrita o seu lugar de resistência e de existência. Ela elaborava “sua própria sociologia”, organizando “a realidade de modo a torná-la inteligível e de maneira a tornar compreensíveis as ações realizadas”. (CHAUI, 1993, p. 141) Escrever a ajudava a compreender o mundo, a política, a fome e, principalmente, a resistir e a ser – “(...) creio que, não poderei viver sem escrever porque os dramas, continuam acontecer enquanto vivemos (...)” (JESUS,

---

40- Grifos da autora

1996, p. 54). Em seu diário, Carolina diz: “Se estou escrevendo, e porque tenho pretensões – quero comprar uma casinha para meus filhos.” (JESUS, 1996, p. 71) Ou ainda: “Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo” (JESUS, 1997, p. 19)

Segundo Meihy (2006, p. 354), para Carolina Maria de Jesus, “deixar o mundo da pobreza significava conhecer e isto equivalia a mais do que ler e escrever, publicar. São suas palavras ‘a favela é o depósito dos incultos que não sabem contar nem o dinheiro da esmola’. Era deste mundo que pretendia evadir. Sozinha, diga-se.” Como é possível perceber, representando o seu papel e escrevendo seu diário, Carolina atingiu seu objetivo.

A escritora também tinha em seu corpo outro lugar de resistência. Na literatura de Carolina Maria de Jesus, as referências ao corpo (seu e ao dos outros) são inúmeras: cansaço, fome, indisposição – suas –, sexo, bebedeiras – dos outros – etc. Parece sempre haver uma tensão entre miséria humana e resistência. Seu corpo resistia aos seus problemas individuais e às questões que a incomodavam no lugar em que vivia.

Por meio de sua escrita, é possível perceber como se dava esse mecanismo de resistência. O corpo de Carolina cambaleava entre o cansaço, o estupor e a necessidade de sobreviver. No dia 19 de maio, Carolina escreve em seu diário: “Deixei o leito as 5 horas. Os pardais já estão iniciando a sua sinfonia matinal.” Parece o prenúncio de um dia mais ameno, mas, logo em seguida, ela afirma: “As aves deve ser mais feliz que nós. Talvez entre elas reina amizade e igualdade. (...) O mundo das aves deve ser melhor do que dos favelados, que deitam e não dorme porque deitam-se sem comer”. (JESUS, 1997, p. 30).

Mais adiante, a escritora continua:

...Deixei de meditar quando ouvi a voz do padeiro:  
 — Olha o pão doce, que está na hora do café!  
 Mal sabe ele que na favela é a minoria quem toma café. Os favelados comem quando arranjam o que comer. (...)  
 ...Eu estou começando a perder o interesse pela existencia. Co-

meço a revoltar e a minha revolta é justa. (JESUS, 1997, p. 30)

Já, no dia seguinte, 20 de maio, Carolina Maria escreve: “O dia vinha surgindo quando eu deixei o leito. A vera despertou e cantou. E convidou-me para cantar. Cantamos. O João e o José tomaram parte.” Mais uma vez, uma promessa de alegria que se desfaz:

Abri a janela e via as mulheres que passam rapidas com seus agasalhos descorados e gastos pelo tempo. Daqui a uns tempos estes palitou que elas ganharam de outras e que de há muito devia estar num museu, vão ser substituidos por outros. É os politicos que há de nos dar. Devo incluir-me, porque eu também sou favelada. Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo. (JESUS, 1997, p. 33)

Dessa forma, o corpo de Carolina transita entre a revolta e esperança, procurando, de alguma maneira, resistir. Quando tenta esboçar algum lampejo de felicidade ou, pelo menos, de amenidade, rapidamente se recorda de onde fala ou algum fato do cotidiano – como a falta de comida, por exemplo – não a deixa esquecer. E essa recordação também a faz se lembrar que o seu diário é o seu lugar de denúncia e de resistência. Mesmo que os ‘outros’ não a ouçam, porque não têm acesso a seus textos, ainda assim, ela pode escrever, tendo a esperança de um dia ser ‘lida’.

Outra tensão possível de se observar é entre o cansaço e a escrita. Constantemente, Carolina Maria afirma que está cansada para, logo em seguida, dizer que escreve ou que escreve e depois trabalha ou ainda que acorda para escrever. Os exemplos são vários: “Eu deixei o leito as 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa pensar nas misérias que nos rodeia. (...) Deixei o leito para escrever” (JESUS, 1997, p. 52). “Escrevi até as 2 horas. Depois fui carregar água” (JESUS, 1997, p. 142) “...Fiz o almoço, depois fui escrever. Estou nervosa. O mundo está tão insipido que tenho vontade de morrer”. (JESUS, 1997, p. 157) “É que lavei muitas roupas e estou cançada. Depois fui escrever”. (JESUS, 1996, p. 41) Com isso, o

corpo de Carolina parece estar sempre oscilando entre o cansaço, o desencanto, e a escrita, a resistência.

O corpo de Carolina, entretanto, não é apenas lugar de agruras. Nele, também cabem sonhos. Em seu diário, a escritora fala deles – os sonhos que tinha ao dormir e os que tinha acordada (“Eu cato papel, mas não gosto. Então eu penso: Faz de conta que eu estou sonhando” (JESUS, 1997, p. 26)). Quando dormia, muitas vezes, tinha sonhos felizes, nos quais aparecia bem vestida – “Sonhei que eu era um anjo. Meu vestido era amplo. Mangas longas cor de rosa. (...)” (JESUS, 1997, p. 107). Acordada, também tinha seus devaneios:

Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. (JESUS, 1997, p. 52)

No seu cotidiano duro, tudo o que ela deseja é poder comer bem, vestir-se bem e, principalmente, tornar-se uma escritora e se mudar para uma casa de alvenaria – “O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível” (JESUS, 1997, p. 19). Carolina acreditava que poderia atingir seus objetivos através da escrita, que era também seu lugar de refúgio e resistência.

### **Considerações finais**

Quando Carolina Maria de Jesus consegue, finalmente, publicar seu livro, realiza seu sonho: adquire uma casa de alvenaria, conhece diversos lugares, compra roupas bonitas, passa a comer bem e torna-se uma escritora reconhecida. Seus filhos também conseguem desfrutar desses benefícios. Só que o sonho acaba não sendo exatamente como ela pensava. Mas esta é outra história...

O legado de Carolina permanece até hoje, ainda que, atualmente, a escritora seja desconhecida da maioria dos leitores, principalmente dos jovens. Seu diário é importante não apenas porque se constitui em um lugar de resistência de alguém que mal tinha como sobreviver, mas porque justamente é o relato dessa condição. Um relato que mostra ainda como essa escrita contribuiu para a representação de um papel social. Como se procurou mostrar ainda, o texto de Carolina é a fala individualizada do pobre, o testemunho de alguém que realmente viveu e sobreviveu à miséria.

\***Daniele Ribeiro** Fortuna é jornalista, mestre e doutora em Literatura e pós-doutora em Comunicação Social. É Jovem Cientista do Nosso Estado (2015-2015). Atualmente, é professora do programa de Pós-Graduação de Letras e Ciências Humanas da Unigranrio.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência – aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1992.

JESUS, Carolina Maria de. *Meu estranho diário*. São Paulo: Xamã Editora, 1996.

\_\_\_\_\_. *Quarto de despejo – diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 1997.

LAJOLO, Marisa. "Poesia no quarto de despejo, ou um ramo de rosas para Carolina". In: JESUS, Carolina Maria de. *Antologia pessoal*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. *Cinderela negra – a saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. "A fala da pobreza: Carolina Maria de Jesus". In: LIENHARD, Martín. *Discursos sobre (l)a pobreza. América Latina y / e países luso-africanos*. Madrid / Frankfurt: Iberoamericana / Vervuert, 2006.

SENNET, Richard. *Carne e pedra – o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.